



CULTURA ARTÍSTICA

2011

ORQUESTRA DO FESTIVAL DE BUDAPESTE

IVÁN FISCHER Regência

JÓZSEF LENDVAY Violino

DEJAN LAZIĆ Piano



A arte transforma as ideias, e as ideias transformam o mundo.

A arte transforma momentos, lugares e, principalmente, as pessoas. Por isso temos orgulho de patrocinar os concertos da Sociedade de Cultura Artística, levando a música clássica cada vez mais longe.

Telefônica. Patrocinadora da temporada internacional de concertos da Sociedade de Cultura Artística.

Telefônica

ORQUESTRA
DO FESTIVAL
DE BUDAPESTE

IVÁN FISCHER
Regência

JÓZSEF LENDVAY
Violino

DEJAN LAZIĆ
Piano

2011

CULTURA ARTÍSTICA

PATROCÍNIO



CREDIT SUISSE



ESTADÃO

Telefônica

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Eleita pela
crítica
internacional
em 2008
uma das dez
melhores
orquestras
sinfônicas
do mundo,
a Orquestra
do Festival de
Budapeste foi
criada em 1983
pelo maestro
Iván Fischer e
pelo pianista
Zoltán Kocsis.

O propósito de ambos era dar à capital húngara uma nova orquestra sinfônica, de renome internacional. Hoje, às vésperas de completar 30 anos de existência, pode-se afirmar sem sombra de dúvida que o objetivo que norteou a fundação desse excepcional *ensemble* húngaro foi plenamente atingido.

A Orquestra do Festival de Budapeste, transformada em instituição nacional a partir de 2003, é não apenas componente central da vida musical da cidade, como também presença marcante nos mais importantes centros musicais do panorama internacional da música de concerto. Hoje, suas concorridas apresentações têm lugar, dentre outros, em palcos como os da *Musikverein* e da *Konzerthaus* vienenses, da *Tonhalle* de Zurique, do *Carnegie Hall* e do *Avery Fisher Hall* nova-iorquinos, do *Hollywood Bowl* de Los Angeles, do *Théâtre des Champs-Élysées* parisiense, do *Concertgebouw* de Amsterdã e dos *Barbican Centre* e *Royal Festival Hall* londrinos.

Sir Georg Solti, *Yehudi Menuhin*, *Sándor Végh*, *Kurt Sanderling*, *András Schiff*, *Martha Argerich*, *Kiri Te Kanawa*, *Vadim Repin* e *Maria João Pires* são apenas alguns dos grandes nomes do cenário erudito mundial que já se apresentaram ao lado do conjunto, que, ademais, coleciona importantes distinções também no âmbito fonográfico, tais como os prêmios *Gramophone*, *Diapason d'Or* e *Le Monde de la Musique*, além de uma indicação ao *Grammy*.

Bastante aclamadas são também suas participações em produções operísticas como, por exemplo, as de *A Flauta Mágica*, *Così Fan Tutte* e *As Bodas de Figaro*. A orquestra, no entanto, dedica-se ainda, e com particular ênfase, à interpretação da música erudita contemporânea, com *premières* diversas, tanto na Hungria como no exterior.

Em 2011, a disputada agenda do *ensemble* húngaro — que, desde sua fundação, atua sob a direção musical de Iván Fischer — inclui apresentações em diversos países europeus, dentre os quais Áustria, Itália, França, Espanha e Alemanha, além de concertos no *Lincoln Center* e no *Carnegie Hall* nova-iorquinos, no *Kennedy Center*, em Washington, e no *Royal Albert Hall* de Londres, onde a Orquestra do Festival de Budapeste participará, em setembro próximo, do *BBC Proms Festival*.

ORQUESTRA DO FESTIVAL DE BUDAPESTE



A nata da nova geração de musicistas húngaros.
The Times, Londres

SAIBA MAIS

Na internet, o site <www.bfz.hu> traz, também em inglês, uma série de informações sobre a Orquestra do Festival de Budapeste, desde as notícias mais recentes até a discografia completa do grupo, além de vídeos muito especiais, como o do primeiro concerto da orquestra, em 26 de dezembro de 1983.





ANNA MEIJER

IVÁN FISCHER

Regência

Numerosas turnês internacionais, assim como premiados registros fonográficos, contribuíram para conferir a Iván Fischer merecida reputação como um dos mais visionários e bem-sucedidos regentes da atualidade.

Nascido em Budapeste, em 1951, Iván Fischer estudou piano, violino, violoncelo e composição no Conservatório Béla Bartók da capital húngara, antes de se mudar para Viena, onde foi aluno de regência do maestro austríaco Hans Swarowsky. Posteriormente, em Salzburgo, dedicou-se ainda ao estudo aprofundado da interpretação barroca sob a tutela de Nikolaus Harnoncourt, regente austríaco do qual Fischer foi assistente durante dois anos.

Concluída sua formação musical, vieram os primeiros prêmios internacionais de regência: Florença, em 1974, e Londres, em 1976, ano em que o maestro húngaro debutou no *Royal Festival Hall*, à frente da *Royal Philharmonic Orchestra*, e também na Ópera de Zurique. Sua parceria com a Orquestra do Festival de Budapeste, da qual foi co-fundador em 1983, constitui uma das histórias de maior sucesso no cenário da música clássica das últimas três décadas. Fischer promoveu inovações diversas na condução da orquestra e introduziu um intenso programa de ensaios, centrado na música de câmara e voltado para o desenvolvimento profissional dos musicistas sob seu comando. Fundou, ainda, vários festivais, dentre os quais o Festival de Verão de Budapeste, dedicado à música barroca, e o Festival Mahler, também na capital húngara, que se caracteriza pela divulgação de obras eruditas contemporâneas.

Como regente convidado, Fischer tem atuado com algumas das mais renomadas orquestras do cenário erudito internacional, tais como a Filarmônica de Berlim, a Orquestra Real do Concertgebouw de Amsterdã e, nos Estados Unidos, a Filarmônica de Nova York e a *Cleveland Orchestra*. O maestro foi também regente principal da Orquestra Sinfônica Nacional de Washington, além de diretor musical das óperas de Kent, na Inglaterra, e Lyon, na França.

Nomeado *Chevalier des Arts et des Lettres* pelo governo francês, e detentor do Prêmio Kossuth — a mais prestigiosa comenda concedida às artes pelo governo húngaro —, Iván Fischer foi recentemente designado diretor musical da *Konzerthaus* berlinense, de cuja orquestra será regente principal a partir de agosto de 2012.

SAIBA MAIS



Obras de Brahms e Dvořák estão entre os registros mais recentes da Orquestra do Festival de Budapeste sob a regência de Iván Fischer. Do primeiro, o conjunto gravou em 2009 a *Sinfonia n.º 1*; do último, em 2010, a *Sinfonia n.º 7* e a *Suíte em Lá maior* (“Americana”). Ambos os CDs foram lançados pelo selo *Channel Classics*.

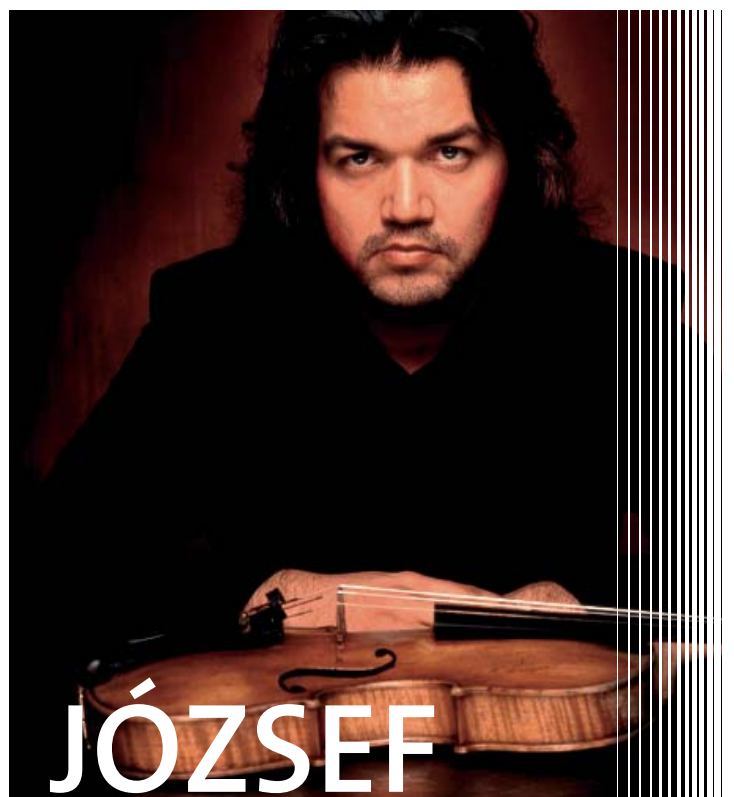
Violinista laureado em competições internacionais de elevado renome, como os prêmios Paganini e Liszt, József Lendvay nasceu em 1974 na cidade de Budapeste, onde ingressou na Academia de Música Franz Liszt aos oito anos de idade.

Ali, estudou sob a orientação do violinista húngaro Miklós Szenthelyi e frequentou aulas ministradas por mestres do calibre de Yehudi Menuhin, Ida Haendel, Igor Oistrakh, Ruggiero Ricci, Jaap van Zweden e Sándor Végh.

Seu excepcional domínio do instrumento logo lhe rendeu fama internacional, dando início a uma trajetória de sucesso que o leva a se apresentar com frequência em palcos do mundo todo, como os de Suíça, Holanda, Estados Unidos e Japão. Como artista convidado, Lendvay já exerceu sua arte virtuosística ao lado de orquestras como as filarmônicas de Rotterdam e Los Angeles, a Orquestra da Cidade de Birmingham e a *Orchestre de la Suisse Romande*. Iván Fischer e Sir Simon Rattle estão entre os grandes nomes da regência sob a direção dos quais Lendvay costuma atuar.

Com Iván Fischer e a Orquestra do Festival de Budapeste, esse extraordinário violinista já se apresentou em diversas ocasiões, além de, também sob o comando de Fischer, ter debutado como solista da Orquestra Sinfônica Nacional de Washington em 2009. Constantes são, ainda, os convites que o musicista recebe para participar de importantes festivais musicais do calendário erudito internacional.

No âmbito fonográfico, e ao lado da Orquestra Sinfônica de Budapeste, József Lendvay registrou com maestria obras de Liszt e Brahms, e seu álbum *Lendvay and Friends* foi agraciado com o prêmio *Echo* de 2005, na categoria “Clássicos sem fronteiras”.



JÓZSEF LENDVAY

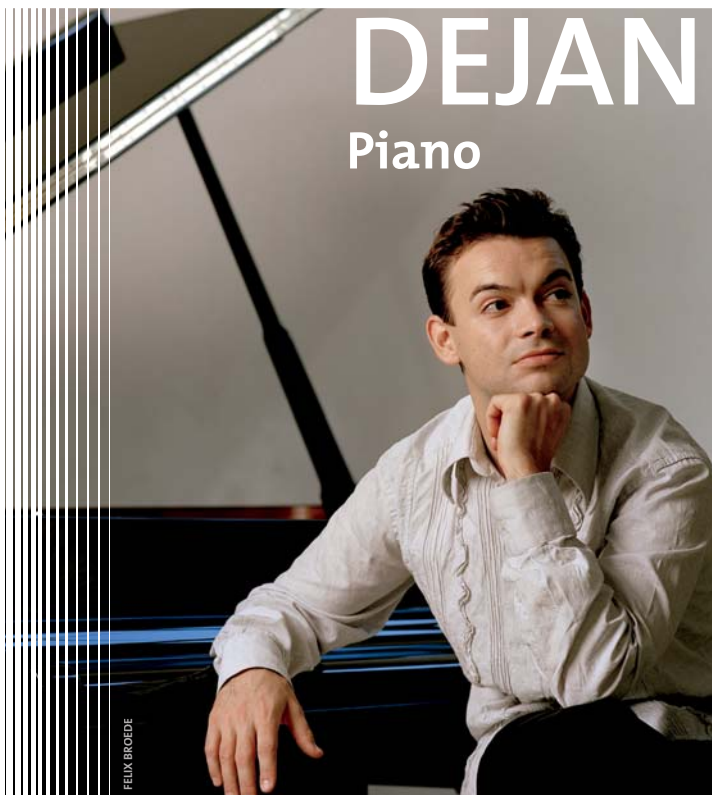
Violino

SAIBA MAIS

Para o pleno exercício de sua técnica privilegiada ao violino, József Lendvay conta com um auxílio muito especial. Seu instrumento foi construído por ninguém menos que Antonio Stradivari. Trata-se de um “Ex-Ries”, de 1693.

DEJAN LAZIĆ

Piano



Na opinião da revista *Gramophone*, ele é “um pianista brilhante”, e o *New York Times* já caracterizou seu piano como “cheio de poesia”, e sua música como “plena de frescor, espontaneidade e paixão”.



SAIBA MAIS

Em 2009, Dejan Lazić foi premiado com o *Echo Klassik* pela melhor gravação ao vivo de um concerto para piano, interpretando o *Concerto para Piano e Orquestra nº 2*, de Rachmaninov, com a Orquestra Filarmônica de Londres regida por Kirill Petrenko. A página do artista na internet pode ser encontrada no endereço <www.dejanlazic.com>.

O aclamado pianista e compositor croata Dejan Lazić nasceu em 1977, em Zagreb. Descendente de uma família de músicos, ele se mudou logo cedo para Salzburgo, na Áustria, cidade onde cresceu e realizou, no *Mozarteum*, seus estudos musicais. Em 2008, estreou como solista no *Lincoln Center* nova-iorquino, ao lado da Orquestra do Festival de Budapeste sob a batuta de Iván Fischer, e no *Royal Festival Hall* de Londres, com a Orquestra Filarmônica de Londres regida por Kirill Petrenko.

Desde então, Lazić vem se apresentando nos principais palcos internacionais, seja na Europa, nas Américas do Sul e do Norte, na Ásia ou na Austrália. Dentre suas turnês mais recentes, destacam-se apresentações pela Espanha, no final de 2010, com a Sinfônica de Bamberg regida por Jonathan Nott, e a presente excursão com a Orquestra do Festival de Budapeste, que inclui também apresentações por Ásia e Europa.

Além da bem-sucedida trajetória como solista, Dejan Lazić demonstra especial predileção pela música de câmara, âmbito no qual mantém longa parceria com o violoncelista holandês Pieter Wispelwey. Mais recentemente, o pianista vêm se dedicando também à composição, tanto de obras para seu instrumento como para conjuntos sinfônicos e de câmara. No momento, Lazić trabalha em seu primeiro concerto para piano e orquestra.

ORQUESTRA DO FESTIVAL DE BUDAPESTE

IVÁN FISCHER

Direção Musical e Regência

Primeiros Violinos

Violetta Eckhardt — *Spalla*
Ágnes Bíró
Mária Gál-Tamási
Radu Hrib
Erika Illési
István Kádár
Ernő Kiss
Péter Kostyál
Eszter Lesták Bedő
Gyöngyvér Oláh
Gábor Sipos
Emese Gulyás
Csaba Czenke
Tamás Zalay

Segundos Violinos

János Pilz
Györgyi Czirók
Tibor Gátay
Krisztina Haják
Zsófia Lezsák
Levente Szabó
Zsolt Szefcsik
Antónia Bodó
Noémi Molnár
Anikó Mózes
Éva Nádai
Zsuzsa Szlávik

Violas

Ádám Römer
Miklós Bányai
Judit Bende
Cecília Bodolai
Zoltán Fekete
Barna Juhász
Nikoletta Reinhardt
Nao Yamamoto
Ágnes Csoma
Csaba Gálfi

Violoncelos

Péter Szabó
László Bánk
Lajos Dvorák
Éva Eckhardt
Gabriella Liptai
Kousay Mahdi
György Markó
Rita Sovány

Contrabaixos

Zsolt Fejérvári
Károly Kaszás
Géza Lajhó
László Lévai
Attila Martos
Csaba Sipos

Flautas

Gabriella Pivon
Anett Jóföldi
Fruzsina Varga

Oboés

Dudu Carmel
Mikhail Jouravlev
Dániel Ella

Clarinetes

Ákos Ács
Rudolf Szitka

Fagotes

Dániel Tallián
Sándor Patkós

Trompas

Zoltán Szőke
András Szabó
Dávid Bereczky
Zsombor Nagy

Trompetes

Zsolt Czeglédi
Tamás Póti

Trombones

Balázs Szakszon
István Péter Bálint
Norbert Zakó

Tuba

József Bazsinka

Tímpanos

Roland Dénes

Percussão

László Herboly
István Kurcsák
Gáspár Szente

Harpa

Ágnes Polónyi

Piano e Celesta

Dávid Báll
János Palójtay

Diretor Executivo

Tamás Körner

Membro do Conselho Diretor

József Péter

Gerente de Turnê

Anna Pulay

Diretor de Cena

Róbert Zentai

Assistente de Iván Fischer

Gabriella Karácsony

Técnico

Sándor Kathi

PATROCÍNIO

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é associar o nome de sua empresa a uma programação sempre em relevo no calendário artístico anual de São Paulo.

Agradecemos muito o apoio de nossos patrocinadores.

PATROCINADOR PLATINA



PATROCINADORES OURO

BAIN & COMPANY



PINHEIRO NETO
ADVOGADOS

SEMP TOSHIBA

PATROCINADORES PRATA



PATROCINADORES BRONZE



livraria cultura





Investindo na *música* para harmonizar *relações*.



Uma abertura de temporada diferente

Ansiedade e alegria. Acho que compartilhamos essas mesmas emoções a caminho da Sala São Paulo para este nosso primeiro concerto do ano. Começamos nossa esplêndida temporada num fim de semana pela manhã – fato raro em nossa agenda. Não planejamos, aconteceu. Acho que podemos entender esse mero acaso como um bom indício; é uma boa surpresa que a abertura da Temporada 2011 seja tão fora do ritmo habitual.

A série de concertos que hoje se inicia constitui uma combinação de tradição, jovialidade e de talentos extraordinários. A Orquestra do Festival de Budapeste, comandada por Iván Fischer, é uma das grandes referências sinfônicas da Europa atual; o Emerson String Quartet é talvez o mais prestigioso conjunto de câmara do mundo; Dudamel é “o cara”, seja lá o que isso signifique na categorização das estrelas de todas as constelações – políticas, artísticas e demais conjuntos de celebridades: Gustavo Dudamel é o *blockbuster* da música erudita. Mas contamos ainda com o peso substancial de nomes como os de Leonard Slatkin, Philip Glass e o do fabuloso violinista Christian Tetzlaff. Voltaremos, ademais, a nos encantar com o Coro Accentus, interpretando sua delicadíssima leitura do *Réquiem* de Fauré. E, além disso tudo, teremos, dentre outras atrações igualmente ilustres, as presenças para lá de especiais da Orquestra Filarmônica de Liège e da Britten Sinfonia.

Portanto, mesmo deixando de lado o entusiasmo que nos leva sempre ao abuso um tanto constrangedor dos adjetivos, o fato é que temos pela frente dez encontros de muita qualidade musical. Este é apenas o primeiro. E é muito bom estar com vocês. Sejam todos muito bem-vindos!

Gioconda Bordon

<gioconda@culturaartistica.com.br>



**ORQUESTRA
DO FESTIVAL
DE BUDAPESTE**

IVÁN FISCHER
Regência

JÓZSEF LENDVAY
Violino

DEJAN LAZIĆ
Piano



SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo

7 de maio, sábado, 11H

Béla Bartók (1881-1945)

SUÍTE DE DANÇAS, BB 86

C. 16'

Moderato
Allegro molto
Allegro vivace
Molto tranquillo
Comodo
Finale: allegro

Nicolò Paganini (1782-1840)

CONCERTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA Nº 1,
EM MI BEMOL MAIOR, OPUS 6

C. 30'

Solista: József Lendvay

Allegro maestoso
Adagio
Rondo: Allegro spiritoso

Intervalo

Piotr Ilich Tchaikovsky (1840-1893)

SINFONIA Nº 5, EM MI MENOR, OPUS 64

C. 50'

Adagio — Allegro con anima
Andante cantabile, con alcuna licenza
Allegro moderato
Andante maestoso — Allegro vivace

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo

8 de maio, domingo, 11H

Antonín Dvořák (1841-1904)

VALSAS PRAGUENSES C. 10'

DANÇAS ESLAVAS C. 12'

Opus 46, nº 2, em Mi menor (Allegretto scherzando)

Opus 72, nº 8, em Lá bemol maior (Lento grazioso, ma non troppo, quasi tempo di valse)

Opus 72, nº 1, em Si maior (Molto vivace)

Carl Maria von Weber (1786-1826)

KONZERTSTÜCK PARA PIANO E ORQUESTRA,
EM FÁ MENOR, OPUS 79 C. 18'

Solista: Dejan Lazić

Larghetto ma non troppo

Allegro appassionato

Tempo di marcia

Più mosso — Presto assai

Intervalo

Robert Schumann (1810-1856)

SINFONIA Nº 3, EM MI BEMOL MAIOR,
OPUS 97 ("RENANA") C. 33'

Lebhaft (Vivaz)

Scherzo: Sehr mässig (Bastante moderado)

Nicht schnell (Não muito rápido)

Feierlich (Solene)

Lebhaft (Vivaz)

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Próximos Concertos

Sala São Paulo

Emerson String Quartet

Série Branca, 21 de maio, sábado

Mendelssohn Quarteto nº 5

Bartók Quarteto nº 6

Beethoven Quarteto nº 14

Série Azul, 22 de maio, domingo

Mozart Quarteto em Dó maior

Shostakovich Quarteto nº 8

Beethoven Quarteto nº 14



Sala São Paulo

Orquestra de Câmara
de Munique

Christiane Oelze Soprano

Série Branca, 9 de junho, quinta-feira

Série Azul, 11 de junho, sábado

C.P.E. Bach Sinfonia nº 1

Schönberg Quarteto nº 2

(Litanei/Entrückung)

Pergolesi Orfeu

Shostakovich Sinfonia de Câmara



Informações e ingressos:

(11) 3258 3344

Vendas online:

<www.culturaartistica.com.br>

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2011 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

MANTENEDORES E AMIGOS DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA – 2011

Este ano, toda contribuição ao programa de **Amigos e Mantenedores** será revertida para o projeto de reconstrução de nosso Teatro. A Lei Rouanet possibilita isenção fiscal de até 80% do valor que você investe no projeto, até o limite de 6% de seu imposto de renda a pagar.

MANTENEDORES

Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Ameribras Ind. e Comércio Ltda.
Ana Maria L. V. Igel
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Arsenio Negro Junior
Bruno Alois Nowak
Carla Beatriz Danesi Pernambuco
Carlos Nehring Neto
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Denise Ascensão Klatchoian
Dora Rosset
Elisa Wolynec
Erwin e Marie Kaufmann
Estrela do Mar Part. Adm. de Bens Ltda.
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Fernão Carlos B. Bracher
Francisco H. de Abreu Maffei
Gerard Loeb
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Gustavo Halbreich
Helga Verena Maffei
Helio Seibel
Henri Slezzynger
Henrique Meirelles
Iosif Sancovsky
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Blay
Joaquim de Alcantara Machado
Jorge e Léa Diamant
José E. Mindlin (*i.m.*)
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Kalil Cury Filho
Kristina Arnhold
Lea Regina Caffaro Terra
Lilia Katri Moritz Schwarcz
Livio de Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Zuzaga Marinho Brandão
Luiz Stuhlberger
Maria Bonomi
Marina Lafer
Mario Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso

Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Nelson Nery Junior
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oswaldo Henrique Silveira
Paulo Julio Valentino Bruna
Pedro Stern
Raphael Pereira Crizantho
Renata e Sergio Simon
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Felte
Ricardo L. Becker
Roberto Mehler
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Viegas Calvo
Rodolfo Henrique Fischer
Rosa Nery
Ruth Maria Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Raul Korbivcher
Salim Taufic Schahin
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Silvia e Fernando Carramaschi
Tamas Makray
Thyrso Martins
Ursula Baumgart
Vavy Pacheco Borges
Vitor Maiorino Netto
Wolfgang Knapp
17 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram Topczewski
Adelia e Cleômenes Dias Baptista (*i.m.*)
Adolpho Leirner
Adriana Crespi
Alberto Emanuel Whitaker
Aluizio Guimarães Cupertino
Alvaro Oscar Campana
Ana Maria Malik
Andrea Sandro Calabi
Anna Maria Tuma Zacharias
Antonio Kanji Hoshikawa
Antonio Roque Citadini
BDO RCS Auditores Independentes
Calçados Casa Eurico
Carlos P. Rauscher
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Carmen Carvalhal Gonçalves
Cassio A. Macedo da Silva
Cassio Casseb Lima
Cathy e Roberto Faldini
Claudia A. G. Musto
Claudio Alberto Cury
Dario e Regina Guarita
Domingos Durant
Editora Pinsky Ltda
Edmond Andrei
Edson Eidi Kumagai
Elias e Elizabete Rocha Barros
Elisa Villares L. Cesar
Elisa Wolynec
Elisa Yuriko Fukuda
Eric Alexander Klug
Fernando de Azevedo Corrêa
Fernando K. Lottenberg
Fernando R. A. Abrantes
Francisco José de Oliveira Junior
Galicia Empreendimentos e Participações Ltda.
George Longo
Giancarlo Gasperini
Gustavo H. Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helena Maffei Cruz
Helio Elkis
Henrique B. Larroudé
Henrique Eduardo Tichauer
Horacio Mario Kleinman
Isaac Popoutchi
Israel Sancovsky
Issei Abe
Izabel Sobral
Irto de Souza
Jaime Pinsky
Janos e Wilma Kövesi
Jayme e Tatiana Serebrenic
Jayme Vargas
Jeanette Azar
João Baptista Raimo Jr.
José e Priscila Goldenberg
José Otavio Fagundes
José Paulo de Castro Emsenhuber
Katalin Borger
Leo Kupfer
Lilia Salomão
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarcz
Maercio J. M. Machado
Marcello Fabiano de Franco
Marcello D. Bronstein
Marco Tullio Bottino
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Joaquina Marques Dias
Maria Teresa Igel
Mario Augusto Ceva
Mario e Dorothy Eberhardt
Nachun Berger
Norma Vannucci Di Grado
Olavo Egidio Setubal Jr.
Oscar Lafer
Paulo Guilherme Leser
Paulo Proushan
Pedro Spyridion Yannoulis
Polia Lerner Hamburger
Plínio José Marafon
Regina Weinberg
Renato Lanzi
Ricardo Bohn Gonçalves
Roberto Aduato Amaral Riedo
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Ruy Souza e Silva
Sergio G. de Almeida
Sergio Leal C. Guerreiro
Sheila Hara
Silvia Dias de Alcantara Machado
Sonia Regina Cottas de Jesus Freitas
Thomas Frank Tichauer
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Victor Abel Grostein
Vivian Abdalla Hannud
Walter Ceneviva
37 Amigos Anônimos

Para mais informações, ligue para (11) 3256 0223 ou escreva para <administracao@culturaartistica.com.br>.

APOIADORES DA RECONSTRUÇÃO

Nesta página, listaremos todas as pessoas e organizações que têm contribuído concretamente para a reconstrução do nosso Teatro.

A vocês, o nosso muito obrigado!

Agência Estado	Folha de S. Paulo	Natura
Aggrego Consultores	Francisco Humberto de Abreu Maffei	Nelson Breanza
Álvaro Luis Fleury Malheiros	Frederico Perret	Nelson Kon
Ana Maria Levy Villela Igel	Fulano Filmes	Nelson Reis
Ana Maria Xavier	Fundação Padre Anchieta	Nelson Vieira Barreira
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira	Fundação Promon	O Estado de S. Paulo
Antônio Fagundes	Gabriela Duarte	Oi Futuro
Antonio Teofilo de Andrade Orth	Gérard Loeb	Orquestra Filarmônica Brasileira
Area Parking	Gilberto Kassab	Oscar Lafer
Arnaldo Malheiros	Gilberto Tinetti	Paulo Bruna
Arsenio Negro Júnior	Gioconda Bordon	Pedro Herz
Aurora Bebidas e Alimentos Finos	Giovanni Guido Cerri	Pedro Pullen Parente
Banco Pine	Helga Verena Maffei	Pedro Stern
Banco Safra	Henri Philippe Reichstull	Pinheiro Neto Advogados
Beatriz Segall	Hotel Ca' d'Oro	Polierg
BicBanco	Hotel Maksoud Plaza	Porto Seguro
Brasília de Arruda Botelho	Idort/SP	Racional Engenharia
Bruno Alois Nowak	iG	Rádio Bandeirantes
Camila Zanchetta	Israel Vainboim	Rádio Eldorado
Camilla Telles Ferreira Santos	Izilda França	Revista Brasileiros
Carta Capital	Jacques Caradec	Revista Concerto
CBN	Jairo Cupertino	Revista Piauí
Claudio Cruz	Jamil Maluf	Ricardo Feltre
Claudio e Rose Sonder	Jayme Bobrow	Ricardo Ramenzoni
Claudio Lottenberg	Jayme Sverner	Roberto Baumgart
Claudio Roberto Cernea	José Carlos Dias	Roberto Minczuk
Cleômenes Mário Dias Baptista (i.m.)	José Carlos e Lucila Evangelista	Roberto Viegas Calvo
Compacta Engenharia	José Roberto Mendonça de Barros	Rodolfo Henrique Fischer
CCE	José Roberto Ópice	Santander
Condomínio São Luiz	Jovelino Carvalho Mineiro Filho	Seleções Reader's Digest
Construtora São José	Katalin Borger	Semp Toshiba
Credit Suisse	Lea Regina Caffaro Terra	Sidnei Epelman
Credit Suisse Hedging-Griffo	Leo Madeiras	Silvia Ferreira Santos Wolff
Diário de Guarulhos	Lúcia Cauduro	Silvio Feitosa
Editora Abril	Lúcia Fernandez Hauptmann	Susanna Sancovsky
Editora Contexto (Editora Pinsky)	Luiz Rodrigues Corvo	Talent
Editora Globo	Machado, Meyer, Sendacz e Ópice Advogados	Tamas Makray
Editora Três	Mahle Metal Leve	Teatro Alfa
Elaine Angel	Marcelo Mansfield	Terra
Elias Victor Nigri	Marco Nanini	TV Globo
EMS	Maria Adelaide Amaral	Unigel
Ercília Lobo	Maria Helena Zockun	Uol
Erwin e Marie Kaufmann	Marina Lafer	Ursula Baumgart
Eurofarma	Mario Arthur Adler	Vale
Fabio de Campos Lilla	Marion Meyer	Vavy Pacheco Borges
Famílias Fix, Korbivcher e Ventura	Max Feffer (i.m.)	Wolfgang Knapp
Fernando Francisco Garcia	McKinsey	Yara Baumgart
Fernão Carlos Botelho Bracher	Michael e Alina Perlman	Zuza Homem de Mello
Festival de Salzburgo	Minidi Pedroso	
Flávio e Sylvia Pinho de Almeida	Mônica Salmaso	



RCS agora é BDO no Brasil

Especialista no atendimento a médias e pequenas empresas

- ▶ 5ª no Brasil e no mundo
- ▶ 119 países
- ▶ 1.082 escritórios, 9 no Brasil
- ▶ 46.930 profissionais, 400 no Brasil
- ▶ Auditoria
- ▶ Impostos
- ▶ Consultoria
- ▶ Esporte

www.bdobrazilrcs.com.br
contato@bdobrazilrcs.com.br

BDO RCS Auditores Independentes, uma empresa brasileira de sociedade simples, é membro da BDO International Limited, uma companhia limitada por garantia do Reino Unido, e faz parte da rede internacional BDO de firmas-membro independentes. BDO é o nome comercial para a rede BDO e cada uma das firmas membro BDO.

Béla Bartók (1881-1945)

SUÍTE DE DANÇAS

Como diz o próprio título, essa obra orquestral é uma “sequência de danças”. Mas não só: a procedência da música é tão variada que poderíamos também chamá-la de “suíte de nações”. O compositor a escreveu em 1923, a pedido do governo húngaro, a fim de comemorar o cinquentenário da fusão das cidades de Buda e Peste, situadas em margens opostas do rio Danúbio. Com a reunião de ambas, Budapeste tornou-se a capital do país.

Ainda que baseada em material inspirado no folclore, a peça não é propriamente nacionalista, uma vez que reúne traços das músicas da Romênia, da África do Norte e da própria Hungria, sem contudo fazer citações literais. Praticamente tudo o que se ouve aí é de invenção do próprio compositor. Uma exceção: a linda, envolvente e nostálgica melodia que separa algumas das danças, à maneira de um *ritornello* ou refrão, provém, na realidade, da arte popular da Hungria.

Bartók concebeu as seis danças da suíte de modo a dar ao todo variedade e unidade. Já se disse que a obra é, ao mesmo tempo, uma celebração das particularidades das culturas humanas e uma comemoração festiva na qual diferentes raças são reunidas amigavelmente. Velhos modos e escalas diatônicas se alternam no transcorrer da peça. Cada uma das danças é dominada por um modo ou escala, à exceção da última, que busca conciliar vários motivos ouvidos anteriormente. A orquestração é particularmente brilhante.

Nicolò Paganini (1782-1840)

CONCERTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA Nº1, EM MI BEMOL MAIOR, OP. 6

A figura magérrima de Paganini e seus gestos fora da norma em cena, dominando o violino como ninguém, sendo capaz de realizar proezas indescritíveis, fizeram dele uma figura romântica por excelência. E, tirante as numerosas lendas, ele efetivamente foi o maior violinista de seu tempo — de todos os tempos, dizem alguns. Muitos traços de suas peripécias instrumentais e de seus improvisos encontraram espaço em suas obras escritas, nas quais ele procurou aliar virtuosismo acrobático e verdadeira musicalidade. Sua coleção inaugural de *24 Capricci, opus I*, ainda hoje é adorada pelos violinistas do mundo inteiro. E vários compositores românticos e moder-

nos tomaram um ou outro desses caprichos como base para variações, como o fizeram Brahms, Schumann, Rachmaninov e Lutoslawski, dentre outros. Também é preciso lembrar que ao menos os dois primeiros dos seis concertos com acompanhamento de orquestra que ele compôs continuam a entreter os ouvidos do público aficionado ainda hoje.

O Concerto nº 1, em Mi bemol maior (como querem alguns, ou em Ré maior, como preferem outros), foi composto provavelmente entre 1815 e 1816, e logo se tornou bastante popular, por se tratar de obra recheada de *cantabili* contagiantes, melodias facilmente memorizáveis, além de repleta de dificuldades técnicas de tirar o fôlego dos ouvintes mais impressionáveis. Está claro que a obra congênera de Beethoven, anterior, e a de Brahms, bastante posterior, representam culminâncias artísticas mais altas que aquelas que a partitura de Paganini nos oferece. Mas a obra contém meia hora de música plenamente capaz de produzir grande prazer em quem a escuta.

O primeiro andamento, um enorme *Allegro maestoso*, explora dois temas principais: aquele que abre o movimento, de atmosfera triunfante e extrovertida e caráter fortemente ritmado; e um outro, bem lírico, muito melodioso, que aparece em seguida. Neste último, impera o espírito das óperas daquele momento. Esses materiais são logo tomados pelo solista, que os utiliza como base para variantes repletas de ornamentações e de exibições pirotécnicas de virtuosismo.

O movimento que vem em seguida, um *Adagio*, tem início com um prelúdio da orquestra de efeito bastante teatral. Seu tema, muito expressivo, dá a impressão de ter saído de alguma ópera ainda não composta. E seu desenrolar é cheio de surpresas ornamentais.

O final — *Rondo: Allegro spiritoso* — é de notável alacridade, a um só tempo vivaz e repleto de trejeitos juvenis. Tanto a seção principal (o refrão) quanto os *couplets* (episódios que se renovam após cada exibição do refrão) dão novas oportunidades ao virtuosismo do solista, ao mesmo tempo em que o discurso não abdica do humor (até um tema de Mozart é aí contemplado).

Piotr Ilich Tchaikovsky (1840-1893)

SINFONIA Nº 5, EM MI MENOR, OP. 64

Grande apreciador da dança e, ele mesmo, autor de alguns dos mais famosos balés do repertório desse gênero, Tchaikovsky nunca se esqueceu dessa sua

predileção, nem mesmo em suas sinfonias. Aqui, ela está presente principalmente na valsa que toma conta do terceiro movimento, lugar onde se haveria de esperar o costumeiro *Scherzo*. Os gestos melodramáticos dos momentos de maior tensão, o caráter arrebatador de suas principais melodias e o farto colorido orquestral fazem de sua Quinta Sinfonia uma das prediletas do público no mundo todo.

Como já acontecera com a Quarta Sinfonia, a Quinta ostenta o símbolo trágico do *fatum*, o destino contra o qual o homem infeliz não pode lutar, perecendo tragicamente sob seu jugo. É por isso que, mesmo em meio a passagens marcadamente alegres da sinfonia, a figura ameaçadora do destino aparece, revelando sua fisionomia aterradora.

Ouvida pela primeira vez em São Petersburgo, no final de 1888, a Quinta Sinfonia não fez o esperado sucesso. No ano seguinte, porém, em Hamburgo, na Alemanha, ela foi saudada com o entusiasmo que a acompanha desde então.

A obra se abre com vagar, apresentando o motivo sombrio e triste (*fatum*) que reaparecerá várias vezes durante toda a sinfonia. Mesmo quando se anima, a música ainda guarda um fundo de inquietação, que só deixa a cena quando aparece um novo tema, em tom maior, de recorte simples e sabor pastoral. Em seguida, o ritmo de uma valsa vem tornar a atmosfera ainda mais leve. O Desenvolvimento dá-se pela sobreposição de ideias contrastantes. Seu final reúne o primeiro tema do *Allegro* e o ritmo fatídico do destino, mostrado pelos trompetes.

O segundo movimento, *Andante cantabile, con alcuna licenza*, é dominado pela melodia inicialmente exibida pela trompa, de beleza absolutamente inescrutável. Depois de um diálogo com o clarinete, esse tema é entregue às cordas e, então, a toda a orquestra. Na parte central do movimento, o clarinete se encarrega de uma melodia a um só tempo graciosa e melancólica, à qual um trilo é adicionado de maneira inesperada. A doçura do trecho, no entanto, vê-se interrompida pela trágica lembrança do tema do destino, no qual os trompetes ganham a companhia pesada dos trombones. Mas a paz volta a reinar nos compassos finais do movimento.

Especialmente encantador é o movimento colocado no lugar do esperado *Scherzo*: uma deliciosa valsa em compasso 6/8. De balanço requintado e de fisionomia que exhibe grande elegância, ela rodopia em uma atmosfera feliz, que apenas no final é obscurecida

por uma citação do tema do destino, em pauta morosa, mas impressionante.

O movimento final tem início com o tema do destino inteiramente modificado — aqui, ele assume fisionomia religiosa, em tonalidade maior. Vai e volta, sempre transformado, em meio a uma notável profusão de temas. Encerrando a sinfonia, assume, por fim, seu ar alegre e triunfante de coral de fisionomia religiosa, propondo dessa maneira um desenlace feliz e transcendental para a obra.

Antonín Dvořák (1841-1904)

VALSAS PRAGUENSES e DANÇAS ESLAVAS

Já se comparou mais de uma vez o alemão de Hamburgo Johannes Brahms ao tcheco de Praga Antonín Dvořák. Não sem razão, pois esses dois compositores românticos tinham um enorme cuidado formal com suas obras, entregando ao público apenas aquilo que julgavam estar perfeito. Depois, ainda que vivendo em uma época em que os exageros expressivos estavam na ordem do dia, ambos costumavam, em geral, se expressar por intermédio de uma linguagem até certo ponto contida e muito refletida, como que voltada para os ideais clássicos outrora balizados por Beethoven.

No fundo, porém, esses dois artistas possuíam personalidades tão diferentes entre si que se criou até mesmo uma fórmula para marcar a distância que sempre os separou. Afirma-se, assim, que “Dvořák é um Brahms meridional”. Essa frase feita não deixa de espelhar parte da verdade. Isso porque Brahms, hamburguês, sempre foi um homem introvertido e voltado para obras corais sombrias e severas páginas orquestrais. Dvořák, por seu turno, oriundo da região da Boêmia, fazia sua música cantar e dançar o tempo todo, em peças muito coloridas, extrovertidas e, em geral, bastante alegres e comunicativas.

É claro que algumas das peças mais cativantes de Dvořák mostram-no em pleno impulso das danças, fossem elas resgatadas do folclore ou trazidas da capital do império, Viena, que era também conhecida como “a capital da valsa”.

As deliciosas *Valsas Praguenses* parecem ter sido uma aposta de Dvořák, com o intuito de mostrar que na “província” do império sabia-se não apenas dançar a valsa como também escrevê-la com originalidade e “sotaque” local. Já as duas séries de *Danças Eslavas*, as quais o autor escreveu primeiramente para piano,

orquestrando-as de maneira cintilante logo depois, dão a impressão de ser uma aposta feita na enorme popularidade das danças húngaras (ciganas, na verdade) publicadas pelo amigo e protetor, Brahms.

Em todas essas peças encontram-se algumas das mais evidentes qualidades da arte do compositor tcheco: concepção melódica de enorme riqueza e beleza, harmonia temperada com certas dissonâncias e “irregularidades” da música popular de sua terra, e ritmos repletos de gingado, desses capazes de fazer dançar o corpo e o coração do ouvinte.

Carl Maria von Weber (1786-1826)

KONZERTSTÜCK PARA PIANO E ORQUESTRA, EM FÁ MENOR, OP. 79

Já não mais um clássico obediente às normas da época, Weber foi um músico que pertenceu à geração que antecipou algumas das principais características do Romantismo musical. Para alguns especialistas, ele teria sido o verdadeiro criador da ópera genuinamente alemã — *Der Freischütz* (O franco-atirador), *Euryanthe* e *Oberon* foram os principais espetáculos que o compositor concebeu para a cena. Para outros comentadores, ele foi o responsável por obras instrumentais concertantes, principalmente para piano, clarinete, flauta, trompa e violino, peças que aliaram com felicidade fantasia e virtuosismo.

Para piano, Weber escreveu dois concertos, mas sua obra mais lembrada nesse domínio é o *Konzertstück* (peça de concerto) em Fá menor, composto em Berlim, em 1821. Inicialmente, a obra comportava um “programa literário”, segundo o qual uma donzela, triste, estaria à espera de seu amado, um cavaleiro que partira para a Terra Santa. O final exultante da peça indica que ele voltou para os braços da moça.

Sem ser um concerto para piano tradicional, esse *Konzertstück* comporta uma série de episódios interligados. Ele tem início com um *Larghetto ma non troppo* (os dolorosos devaneios da moça), ao qual se segue um *Allegro appassionato* (tematizando os pensamentos agitados e mórbidos da donzela). Segue-se, então, como que vindo de longe, um *Tempo di marcia* (uma pintura das batalhas das quais participa o cavaleiro), momento em que o piano silencia. Mas o solista acaba por recuperar seu papel brilhante, e de maneira febril, no *Più mosso*. E é assim que piano e orquestra se precipitam em um inflamado *Presto assai (con molto fuoco)*, hino vitorioso que alcança um *fortissimo brillante*, reunindo solista e orquestra



Um produto de Companhia de Seguros Aliança do Brasil comercializado pela BB Corretora de Seguros e Administradora de Benéf. S.A. O registro deste plano na SUSEP não implica, por parte da Autoridade, incentivo ou recomendação a sua comercialização.

Se a responsabilidade é grande, a alegria é três vezes maior.

O imprevisto tem dois lados. Fique com o melhor, fique com o Seguro Ouro Vida.

Com o **Seguro Ouro Vida**, você aproveita a vida sem preocupação e ainda conta com 39 serviços de assistência. Faça já o seu em qualquer agência do Banco do Brasil ou pelo bb.com.br.

Banco do Brasil.

Faz diferença ter um banco todo seu.

BANCO DO GABRIEL

em verdadeira apoteose sonora. É a chegada do herói e seu reencontro com a amada.

Robert Schumann (1810-1856)

SINFONIA Nº 3, EM MI BEMOL MAIOR, OP. 97
(“RENANA”)

Schumann compôs sua Terceira Sinfonia em dezembro de 1850, em Düsseldorf. A obra ganhou do editor o título de “Renana”; foi, na verdade, a segunda sinfonia concluída pelo artista. De início, Schumann pensou em chamá-la “Episódios de uma vida passada às margens do Reno”, título posteriormente abandonado.

No fundo, essa partitura incomum em cinco movimentos não deixa de ser uma espécie de grandiosa metáfora sonora a apontar para o mundo mágico dos mitos e das lendas do velho rio que banha o coração da Alemanha. Isso é feito mediante uma música de radiante beleza, por vezes inspirada na arte popular das regiões banhadas por esse importante curso d’água. Seus vários movimentos são concisos, bem construídos e repletos de emoção.

O primeiro movimento, assaz animado, é aberto por um tema de júbilo contagiante, que se faz acompanhar de um motivo complementar mais lírico. Exultante, essa longa melodia parece abrir grandes espaços de um novo universo sonoro, que nos dá a conhecer. É essa ensolarada primeira ideia que toma conta desse movimento em forma-sonata (à base de uma Exposição, um Desenvolvimento e uma Recapitulação). Trata-se de uma organização que confere dinâmica particular à seção inicial da obra. Às tantas, o motivo lírico é expandido, transformando-se em um manso e mágico remanso a atar as pontas da euforia. Mas a impactante primeira ideia é trazida de volta por trompas e trompetes, encerrando o movimento em pauta triunfal.

O movimento em Dó maior que vem em seguida, um *Scherzo* que o compositor desejava ver executado de maneira “bem moderada”, é na verdade um comedido *Ländler*, velha dança alemã. Seu tema principal, de recorte suave e embalado em comedido balanço, é variado e articulado a episódios delicadamente contrastantes. Um motivo inédito, espécie de coral religioso a cargo dos metais, rompe de súbito essa atmosfera de calma. Depois disso, o primeiro motivo retorna placidamente, logo ganhando força em uma marcha imponente. É, contudo, de maneira discreta que o movimento se encerra.

“Não muito rápido” é a indicação do autor para a execução do *intermezzo* colocado em terceira posição. Na tonalidade de Lá bemol maior, ele conta com um tema mais saliente, que soa entre solene e nostálgico. Um segundo motivo, bastante sonhador, logo vem lhe fazer companhia, emprestando variedade à passagem. Com o auxílio dos sopros, o movimento chega a seu final de forma diáfana, muito delicada.

Lembrando uma cerimônia religiosa, o solene quarto movimento é dominado por um motivo muito sério, enunciado pelos instrumentos graves da orquestra, que parece agora evocar um cortejo religioso. Às tantas, aflora da massa orquestral um rebrilhante coral dos instrumentos de metal, ecoado por madeiras e cordas, como se de longe. Acordes vigorosos encerram esse movimento.

O ânimo retorna no *Finale*, que, animado e muito vivo, é introduzido por uma fanfarra exultante. Alegre e despreocupado, esse movimento faz pensar nas festas populares realizadas às margens do Reno. Seus vários temas entrelaçam-se em uma guirlanda sonora de efeito bastante belo. Quase ao seu término, é evocado o tema religioso do movimento anterior, agora em tonalidade maior, contribuindo para o caráter triunfal do final da obra.

Comentários de **J. Jota de Moraes**



INFORMAÇÃO ENVELHECE, CONHECIMENTO RENOVA.

O Estadão renovou.
Renovou o layout. Renovou as seções.
Renovou a maneira de compartilhar
o conhecimento.

Uma pequena mudança na forma
que vai fazer toda a diferença para
o conteúdo, que continua completo,
profundo, analítico. E a partir de
agora muito mais agradável também.

Colunas mais arejadas. Destaque
para os principais dados. Mais espaço
para columnistas e para as análises.
E muito mais espaço para debates.
Além de novos suplementos como
Sábatico, C2+Música, C2 Domingo,
Planeta e o Guia, que passa a se
chamar Divirta-se.

Porque não adianta ter conhecimento
se ele não for acessível.



Amplie | Questione | Atualize | seu conhecimento

O ESTADO DE S. PAULO



CULTURA ARTÍSTICA

2011

ORQUESTRA DO FESTIVAL DE BUDAPESTE

IVÁN FISCHER Regência

JÓZSEF LENDVAY Violino

DEJAN LAZIĆ Piano

7 E 8 DE MAIO SALA SÃO PAULO

EMERSON STRING QUARTET

21 E 22 DE MAIO SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA DE CÂMARA DE MUNIQUE

CHRISTIANE OELZE Soprano

9 E 11 DE JUNHO SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA SINFÔNICA JUVENIL SIMÓN BOLÍVAR

GUSTAVO DUDAMEL Regência

20 E 21 DE JUNHO SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ROTTERDAM

LEONARD SLATKIN Regência

28 E 29 DE JUNHO SALA SÃO PAULO

BRITTEN SINFONIA

PEKKA KUUSISTO Regência

ALLAN CLAYTON Tenor

6 E 13 DE AGOSTO SALA SÃO PAULO

FILARMÔNICA DE CÂMARA DE BREMEN

Deutsche Kammerphilharmonie Bremen

CHRISTIAN TETZLAFF Violino e Regência

23 E 24 DE AGOSTO SALA SÃO PAULO

PHILIP GLASS

Piano

13 E 14 DE SETEMBRO SALA SÃO PAULO

ENSEMBLE ORCHESTRAL DE PARIS

CORO ACCENTUS

LAURENCE EQUILBEY Regência

30 DE SETEMBRO E 1º DE OUTUBRO SALA SÃO PAULO

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE LIÈGE

DOMINGO HINDOYAN Regência

JONATHAN GILAD Piano

18 E 19 DE OUTUBRO SALA SÃO PAULO

DATAS E PROGRAMAÇÃO SUJEITAS A ALTERAÇÕES.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

DIRETORIA

Presidente
Pedro Herz

Diretores
Cláudio Sonder
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Gioconda Bordon
Ricardo Becker
Fernando Carramaschi
Edelver Carnovali
Patrícia Moraes
Luiz Fernando Faria

Superintendente
Gérald Perret

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Cláudio Sonder

Vice-Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita

Conselho
Aluizio Rebello de Araújo
Antonio Ermírio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Milu Villela
Pedro Herz
Plínio José Marafon
Salim Taufic Schahin

Conselho Consultivo
Affonso Celso Pastore
Alfredo Rizkallah
Hermann Wever
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Thomas Michael Lanz

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin

Secretário de Estado da Cultura
Andrea Matarazzo

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

Regente Titular
Yan Pascal Tortelier

Diretor Artístico
Arthur Nestrovski

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – Organização Social da Cultura

Presidente do Conselho de Administração
Fernando Henrique Cardoso

Diretor de Marketing
Carlos Harasawa

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Pedro Moreira Salles

Supervisora de Eventos
Mauren Stieven

Diretor Executivo
Marcelo Lopes

Gerente de Comunicação
Marcele Lucon Ghelardi

Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Supervisora de Sites
Fabiana Ghantous

Assessoria de Imprensa
Alexandre Félix
Desirée Furoni

Supervisora de Publicações
Fernanda Salvetti Mosaner

Supervisora de Publicidade
Thalita Silveira

Departamento de Produção – OSESP
Analia Verônica Belli

Departamento Técnico
Marcello Anjinho

Departamento de Operações
Monica Cassia Ferreira

Assistentes Técnicos
Ednilson de Campos Pinto
Melissa Limnios
Sérgio Cattinii

Produção
Alessandra Cimino
Angela da Silva Sardinha
Fabiane de Oliveira Araújo
Marildo Lopes de Sousa Jr
Mauro Candotti
Maylime Dias Abreu
Regiane Sampaio Bezerra
Victor Prado Fernandes
Vinicius Goy de Aro
Vivian da Silva Correa

Acústica
Cassio Mendes Antas
Reinaldo Marques de Oliveira

Iluminação
Paulo Pirondi

Som
Mauro Santiago Gois

Montagem
João André Blásio
Paulo Broda

Apoio a Eventos
Felipe Lapa
Demeter Tosin
Alexandre Catalano
Raiumundo dos Santos

Controlador de Acesso – Encarregado
Sandro Marcello Sampaio de Miranda

Indicador – Encarregado
Samuel Calebe Alves

**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**



FUNDAÇÃO OSESP
ORGANIZAÇÃO SOCIAL DA CULTURA





cpfl cultura. marque um encontro com as grandes ideias do mundo contemporâneo.

Refletir sobre os desafios atuais, expandir as fronteiras do pensamento. Diferentes pontos de vista, em diferentes pontos de encontro.

Conheça nossas programações e acesse nossos conteúdos no site www.cpflcultura.com.br

Apoio Institucional



Patrocínio



cpflcultura

O Credit Suisse tem orgulho de ser patrocinador da Sociedade de Cultura Artística

Credit Suisse. Patrocinador da Temporada Internacional 2011
da Sociedade de Cultura Artística.

Famosa por sua tradição pioneira e excelência coletiva, a Sociedade de Cultura Artística toca o público da mesma forma pela qual buscamos conquistar nossos clientes: pela performance. O Credit Suisse tem orgulho de ser patrocinador da Sociedade de Cultura Artística e continuará apoiando orquestras e festivais ao redor do mundo.

credit-suisse.com/sponsorship